

Entrevista



Adélia Borges

Curadora, escritora e professora de história do design

Reconhecida como uma das maiores autoridades brasileiras no campo do design, a Adélia Borges falou ao **Magazine** sobre seu livro mais recente, “Design + Artesanato: O Caminho Brasileiro”. Fruto de uma longa viagem por diversos estados brasileiros, a obra será lançada em Belo Horizonte na próxima quarta, a partir das 19h30, no restaurante Outono 81.



MARIANA CHAMA/DIVULGAÇÃO

Design a favor do artesanato

■ DANIEL TOLEDO

Como surgiu o conceito do livro “Design + Artesanato: O Caminho Brasileiro”?

Acredito que o primeiro embrião dessa ideia tenha surgido em 1993, quando estive em Ouro Preto para fazer uma reportagem sobre projetos de revitalização de objetos de pedra sabão. Já naquela época pensei que seria muito interessante documentar as histórias daqueles artesãos, muito distantes do universo das grandes empresas e das assessorias de imprensa. Mais tarde, já como palestrante, tive a oportunidade de visitar muitas cidades e sempre dava um jeito de ficar mais um pouco para conhecer como as coisas funcionavam em cada uma delas. No ano passado, por fim, consegui aprovar o projeto do livro na Lei Rouanet, obtive patrocínio e comecei a colocar as ideias em prática.

Em linhas gerais, como se deu a pesquisa? Já há bastante tempo eu vinha recolhendo informações sobre o artesanato brasileiro, mas somente com a aprovação do projeto pude fazer algumas viagens muito importantes para realmente conhecer a nossa realidade. Uma dessas viagens teve como destino a cidade de São Gabriel da Cachoeira, que fica na fronteira do Amazonas com a Colômbia e a Venezuela e que chama atenção por um trabalho muito tradicional, ligado à cultura indígena e baseado no uso de fibras vegetais. Saindo de lá, fui para o extremo sul do país, bem pró-

ximo à região da Lagoa dos Patos e à fronteira com o Uruguai. Por ali se encontra uma situação muito diferente, ligada ao artesanato têxtil produzido por grupos de classe média. Além disso, passei por destinos diversos como Nordeste, Minas Gerais e a favela da Rocinha, no Rio de Janeiro, por exemplo. Com isso, pude entender como o artesanato se faz presente tanto em favelas urbanas quanto em remotas comunidades ribeirinhas.

Que características chamaram sua atenção em relação ao momento atual do artesanato brasileiro? Em primeiro lugar, ficou bastante claro que, ao contrário do que se vê nos países europeus, o artesanato brasileiro segue como uma prática essencialmente coletiva, baseada tanto em grupos familiares quanto em vizinhanças. Pude perceber ainda que se trata de um contexto em crescimento, que tem oferecido a muitas pessoas a oportunidade de melhorar as próprias condições de vida. Acredito que, ao longo dos últimos anos, tenha havido, de fato, uma melhora relativa à situação social do artesão, seja pelo desenvolvimento de centrais de distribuição, seja através de feiras onde ele possa expor seus produtos.

Que papéis o conhecimento do design tem desempenhado nesse contexto de desenvolvimento do artesanato? É cada vez mais comum, por exemplo, que artesãos participem de oficinas realizadas por grupos formados por designers, entre outros profissionais, de modo a desenvolver novas técnicas e aper-

“O artesanato se faz presente tanto em favelas urbanas quanto em comunidades ribeirinhas”

“Os saberes do design não interferem na autoria dos objetos, mas, sim, nos seus processos de produção”

“É importante apropriar-se do artesanato não só na fazenda ou na casa de campo, mas no dia a dia”

feçoarem as já existentes. Esse aperfeiçoamento pode se referir a ajustes e padronizações de medidas, a melhoria da fixação de tinturas sobre tecidos ou das condições de queima de cerâmica, para que haja menos problemas com o transporte, que é uma questão chave no caso do artesanato. No geral, são aspectos pouco considerados que, no fim das contas, fazem muita diferença.

Seria possível afirmar, então, que as contribuições do design estão mais ligadas aos processos do que efetivamente aos produtos? Exatamente. É muito comum que os principais desafios estejam ligados ao design dos processos. Isso fica claro, por exemplo, no caso de uma rendeira que, a partir da sugestão de uma designer, passou a trabalhar a renda branca sobre um fundo preto. Com isso, ela pode enxergar muito melhor as suas peças, o que acaba levando a uma melhoria da qualidade do seu trabalho, assim como a um desgaste muito menor da sua visão. No Pará, por outro lado, há uma grande tradição relacionada à produção de brinquedos a partir do madeiras muito leves – e bastante frágeis. Por conta disso, era muito comum que os mastros dos barquinhos de brinquedo se quebrassem durante a viagem de volta dos seus compradores. Nesse caso, a solução também veio por sugestão de um designer: por meio de uma modificação sutil nos objetos, os mastros passaram a ser retiráveis justamente para a ocasião do transporte. Trata-se, nesse sentido, de mudanças míni-

mas que não interferem na autoria do objeto, mas nos seus processos de produção.

Que perspectivas você enxerga para o artesanato, nos dias atuais? Quanto a isso, é interessante perceber que caiu por terra a ideia de que o objeto industrial poderia, um dia, matar o artesanato. Ainda que, por muito tempo, se tenha pensado que o progresso tecnológico levaria ao abandono de técnicas primitivas de produção, não foi isso o que aconteceu. Pelo contrário: quanto mais desenvolvimento tecnológico a gente tem, mais nos ligamos às coisas feitas à mão. Em um mundo repleto de virtualidades, o que é real e palpável ganha cada vez mais expressividade. Seria muito bom, nesse sentido, que os brasileiros deixassem um pouco de lado as referências que vêm do exterior e dessem mais valor ao que acontece por aqui. É fundamental dar atenção e reconhecer a importância daquilo que faz parte da nossa cultura, apropriar-se do artesanato não só na fazenda ou na casa de campo, mas no dia a dia.

E quais são, na sua visão, os principais desafios para o artesanato brasileiro? Antes de qualquer coisa, é importante lembrar que a gente só respeita o que a gente conhece. Nesse sentido, nos falta informação sobre artesanato. Faz muita diferença, por exemplo, saber que uma determinada toalha levou um mês para ser feita por três mulheres cujas famílias fazem isso há várias gerações. Acredito que, ao sa-

ber dessas histórias, muita gente naturalmente passará a valorizar mais os produtos. Cada um desses objetos conta uma história, traz consigo uma série de significados. Gostaria muito, nesse sentido, que o livro ajudasse a enxergar os objetos artesanais para além de suas formas e funções, levando o possível consumidor a se contagiar pelo afeto impregnado em qualquer trabalho feito à mão. Para isso, contudo, seria importante que os objetos artesanais fossem expostos em condições que façam jus à sua importância social, histórica e estética – e não amontoados de qualquer maneira, como muitas vezes acontece.

De que modo o discurso da sustentabilidade entra nessa discussão? Em tempos como os nossos, quando se fala e ouve muito sobre desenvolvimento sustentável, deve-se ressaltar sempre que o artesanato é cultural, social e economicamente sustentável. Além disso, trata-se de uma “indústria” muito limpa, comumente relacionadas a matérias-primas locais.

Após o lançamento deste livro, que atividades estão nos seus planos? De certo modo, já tenho material que que me dá vontade de fazer outro livro, e minha ideia é mesmo publicar um segundo volume mais ligado à noção de território. Outra ideia é transformar o livro em um projeto de exposição que possa circular pelo país. Assim, em vez de serem apresentados pelo livro, os próprios produtos poderão falar por si.